

EDITORIAL

Este primeiro número do ano de 2010 da Phoínix é composto por oito artigos que abarcam questões relevantes e tão presentes na contemporaneidade a partir da análise de sociedades antigas de temporalidades e espacialidades diferenciadas. Discussões sobre a construção de espaços e de representações, as relações de alteridades, as guerras e a formação de impérios, a cidadania, a dinâmica entre autoridade e poder, as formas econômicas, a religiosidade e as práticas míticas são algumas das que perpassam os artigos. As sociedades egípcia, celta, grega e romana são analisadas pelos autores sob uma ótica plural de abordagens que priorizam a interdisciplinaridade e a diversificação da natureza da documentação.

Os egípcios antigos são estudados por Ciro Flamarion Cardoso a partir da associação da distância e da viagem com o estranho e com o maravilhoso. No artigo, a visão espacial do mundo pelos egípcios e a construção das relações de alteridades ganham destaque, pois “o Egito, parte organizada do universo formada pela intervenção criadora do deus criador, era a sede da verdadeira humanidade, cercada por terras caóticas, hostis, que incluíam os desertos próximos, mas também terras estrangeiras mais distantes...”. É ressaltado que os contatos com o outro se intensificam quando da formação de um Império Egípcio (séculos XVI e XI a.C.). As reflexões acerca da dinâmica de espaço podem ser consideradas a tônica do artigo de Filippo Olivieri. O autor analisa os espaços públicos nos oppida na Gália temperada e, ao mesmo tempo, propõe o lugar dos druidas nesses espaços. As argumentações do autor cruzam informações advindas da documentação textual e da arqueológica.

O interesse pela análise das práticas míticas e da cultura material, em especial da iconografia, algo bastante ampliado, principalmente pelas propostas da Histórica Cultural, está presente mais precisamente nos textos de Fábio Lessa e José Geraldo Grillo. Ambos se centram nas representações da imagética ática. O artigo de Lessa estuda a ação dos artesãos no processo de heroicização dos atletas gregos vencedores, refletindo sobre as

relações de cidadania na *pólis*. Já o de Grillo analisa o lugar da guerra no imaginário ateniense durante os séculos VI e V a.C., a partir das imagens pintadas da guerra de Troia, e ressalta que a guerra envolve toda a comunidade, isto é, não se restringindo somente aos guerreiros.

Os aspectos políticos que dinamizam e cimentam a vida social são pensados na pesquisa de Marco Antônio Collares. O autor tem como proposta a análise de algumas das atribuições do Senado imperial, objetivando entender a sustentação do poder e da autoridade de Otávio Augusto no início do Principado. O Império Romano também constitui objeto de estudo de Deivid Gaia, porém optando pelo viés econômico e centrando-se no governo de Nero. Ampliando ainda mais o recorte temporal, pois foca a sua pesquisa no século IV d.C., e elegendo uma abordagem que privilegia a religião, Gilvan Ventura da Silva investiga a reforma da Igreja de Constantinopla.

A religião é também objeto de interesse do artigo de Renata Rozental Sancovsky, que encerra este número da Phoênix. Nele, a autora se detém nas relações socioculturais entre judeus e cristãos nos primeiros séculos do medievo. De acordo com a autora, os vários perfis narrativos - tratados, epístolas, sermões e histórias - atuaram de forma significativa na construção e cristalização de imagens e representações mitológicas sobre os judeus e o Judaísmo.

Com a publicação do presente número, a Phoênix reitera a sua proposta de se caracterizar como um espaço isonômico de publicação, voltado para evidenciar a originalidade e a singularidade das abordagens historiográficas brasileiras no que se refere às sociedades antigas, além de estabelecer um lugar de diálogo entre os pesquisadores da História Antiga, brasileiros e estrangeiros, com os demais saberes.

Os Editores